

LÍNGUA, CULTURA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TEUTO-BRASILEIRA/BRASILEIRA-ALEMÃ NO SUL DO BRASIL

LANGUAGE, CULTURE AND CONSTRUCTION OF TEUTO-BRAZILIAN/BRAZILIAN-GERMAN IDENTITY IN SOUTH BRAZIL

Mônica Maria Guimarães Savedra
Universidade Federal Fluminense
Ciro Damke
Universidade do Oeste do Paraná

RESUMO

No presente trabalho, abordamos alguns aspectos referentes ao conflito de identidade dos imigrantes alemães do Sul do Brasil, desde a vinda dos primeiros imigrantes em 1824, passando pelo período das primeiras colonizações até os dias atuais. A partir de estudos que tratam da relação entre história, memória e identidade, discutimos o desenvolvimento de uma identidade bicultural e o processo de aculturação e deculturação dos emigrantes/imigrantes alemães que deixam sua pátria (*Heimat/Vaterland*), e migram para o Brasil – uma terra com características linguísticas, socioculturais, políticas e geográficas diferentes de sua terra de origem. Selecionamos para discussão do tema os conceitos de *perda de identidade; perda de memória; conflito identitário; identidades feridas; identidades fragmentadas; deslocamento da identidade; identidades em movimento; e identidade migrantes* (MC LAREN, 2000; MOITA LOPES, 2002; BAUMAN, 2005; HALL, 2006; MELIÁ, 2006; STEVENS, 2007; CANDAU, 2011).

Palavras-chave: construção de identidade; imigração alemã; língua e cultura.

ABSTRACT

In this paper we discuss some aspects of the identity conflict of German immigrants in southern Brazil, since the coming of the first immigrants in 1824, through the period of the early colonization to the present day. From studies dealing with the relationship between history, memory and identity, we discuss the developmental process of accerting a bicultural identity, the possibilities of acculturation and deculturation of German immigrants who leave their homeland (*Heimat/Vaterland*) and migrate to Brazil – a land with

linguistics, socio-cultural, political and geographical features that differ from its land of origin. We selected for discussion the concepts of *loss of identity*; *loss of memory*; *identity conflict*; *wounds identities*; *fragmented identities*; *shifting identities*; *identities in motion*; *migrant identity*. (MC LAREN, 2000; MOITA LOPES, 2002; BAUMAN, 2005; HALL, 2006; MELIÁ, 2006; STEVENS, 2007; CANDAU, 2011).

Keywords: culture; german immigration; identity.

INTRODUÇÃO

Em estudos anteriores, desenvolvidos com base na temática de línguas em/de contato, já tivemos a oportunidade de comprovar que o processo de aquisição de línguas é um processo relativo, que envolve muitos fatores determinados não somente pelo contexto de aquisição das línguas, como também pelo seu uso tópico e dinâmico em diferentes ambientes: família, sociedade, escola, trabalho. (SAVEDRA, 2008, 2009). Neste sentido, introduzimos a distinção entre bilinguismo e bilingualidade para estudar a fluidez do domínio funcional de uso de cada língua na trajetória de vida dos sujeitos, em diferentes contextos comunicativos. Demonstramos também que o processo de aquisição de línguas envolve a aquisição de atitudes, valores, crenças e descrenças de determinados grupos. Estudamos a estreita relação entre língua, cultura e identidade, a partir do conceito de representação linguística¹, considerada não somente como um fator linguístico, mas também como um fator sociocultural, fundamental na determinação de políticas de uso oficial de línguas e na determinação de políticas de manutenção de línguas minoritárias, como descrito por Höhmann (2010) na situação do ensino do Pomerano no Espírito Santo.

Reconhecemos que o Brasil é um país plurilíngue e enfatizamos o perigo que representa a hegemonia de uma determinada língua, como

¹ Entendemos representação como sendo tudo aquilo que os locutores dizem ou pensam das línguas que falam (ou da maneira como falam) ou das que os outros falam (ou do modo como as falam). As representações são então constituídas pelo conjunto das imagens, das posições ideológicas, ou seja, das crenças que os locutores têm a respeito das línguas em presença e das suas práticas linguísticas, bem como das práticas linguísticas dos outros.

promotora da perda de identidade cultural.² A pluralidade linguística do Brasil é reflexo de sua formação étnica, manifesta em diferentes situações de/ em contato entre línguas autóctonas, exóctonas (línguas dos colonizadores, da escravidão, da imigração ou alóctonas), na diversidade linguística de fronteira (fronteiras hispânicas, fronteira francófona e anglófona), no contato com falares étnicos específicos, como por exemplo, falares ciganos e, ainda na aquisição formal de línguas estrangeiras.

Neste trabalho, discutimos uma determinada situação de contato: a imigração alemã no sul do Brasil e delimitamos o foco na discussão da construção da identidade teuto-brasileira, a partir da relação língua/cultura minoritária/majoritária.

Savedra (2011) apresenta um panorama do contexto da imigração alemã no Brasil, pontuando algumas ações, que servem de pano de fundo para o tema aqui discutido: a) a crescente emigração alemã para a América Latina no final do século XIX e o pioneirismo de nosso país com o movimento Brasil-Emigração; b) o aumento do movimento emigratório alemão na era de Bismark (1866-70 e 1881-90) e na República de Weimar (1919-1933) e o seu declínio durante a campanha da nacionalização do regime autoritário do Estado Novo (1937-1945), que proíbe o uso da língua alemã e torna a comunidade alemã no Brasil cada vez mais sob pressão; fato agravado pela visão imposta com a II Guerra Mundial, que faz com que a língua alemã seja considerada como o idioma do inimigo, colaborando fortemente para uma mudança no perfil dos imigrantes alemães no Brasil. Ao usarem cada vez menos sua língua e cultura de origem, muitos imigrantes abandonam aos poucos o processo de construção de uma identidade *bicultural* e/ou *acultural*, resultante do contato com a língua e cultura majoritária, no caso com a língua e cultura brasileira, o que resulta em alguns casos no início de um processo de desconstrução de identidade, que podemos nomear de

² Reforçamos o disposto na Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO (20/10/2005), que ressalta a relevância em considerar a diversidade linguística como um elemento fundamental da diversidade cultural e reafirmar o papel fundamental da educação na proteção e na promoção das expressões culturais. Em nossos estudos, também nos pautamos no Relatório do Desenvolvimento Humano, lançado em Bruxelas em 2004, que, num exame pioneiro das políticas de identidade em todo o mundo, assume que as liberdades culturais devem ser compreendidas como direitos humanos básicos e como necessidades para o desenvolvimento das sociedades, cada vez mais diversificadas, do século XXI.

identidade *decultural*, *uma identidade sem identidade*. A diminuição do uso da língua alemã é comprovada nos estudos desenvolvidos sobre Literaturas de Imigração, em especial nos estudos sobre Literatura Brasileira de expressão alemã, que apontam as diferenças na construção da identidade teuto-brasileira através da literatura expressa pelos autores da primeira geração de imigrantes, todos nascidos na Alemanha e dos escritores da segunda e terceira geração -filhos e descendentes de imigrantes colonizadores (HUBER, 1993).

No âmbito dos estudos de linguística de contato, von Borstel (2011) defende a existência do *Brasildeutsch*, como proposto por Heye (1978), ou seja, uma variante suprarregional que surge da mescla de dialetos alemães numa situação diglósica com o alemão padrão (*Hochdeutsch*), no contato com o português brasileiro. A autora von Borstel acrescenta que o *Brasildeutsch* “evidencia-se na composição de uma hibridização de traços formais da língua alemã, de traços de dialetos regionais e locais com o português bidialetal” (p. 59). Nesta perspectiva, a construção da identidade teuto-brasileira é não somente representada pela língua e cultura alemã e brasileira, mas também pelos dialetos regionais e locais identificados nas situações de contato em referência.

Utilizando a terminologia de Ammon (2004) aplicada no dicionário das variantes do alemão (2004), podemos dizer que a língua alemã no Brasil é o resultado das variedades nacionais e regionais do alemão padrão e de variedades dialetais, em especial, do Hunsrückisch e do Plattdeutsch, com suas respectivas variantes locais, (Francônio, Alemão Suíço, Suábio ou Donauschäbisch, Pomerano Vestfaliano e Deutschruss), como descritos em alguns estudos realizados em comunidades de imigrantes no Brasil.³

A construção da identidade teuto-brasileira é aqui discutida a partir do contato das variedades nacionais e regionais e dialetais do alemão padrão com a língua e cultura brasileira do sul do Brasil.

³ Conferir os estudos de Baranow (1973); Melo (1983); Steiner (1988); Bärnert-Fürst (1989); Von Borstel (1992, 2003, 2011); Altenhofen (1996); Damke (1997, 2008); Dück (2005); Heye, Vandresen (2006); Vandresen (2008); Höhmann, Savedra (2008), citados em Savedra, 2011.

1. Línguas e culturas em contato

O contato entre línguas não é um fenômeno de língua propriamente, ou das línguas envolvidas no contato, mas sim do uso tópico que os indivíduos fazem das línguas em diferentes situações de comunicação, o que certamente envolve escolhas políticas, culturais e identitárias. Neste trabalho não abordamos as escolhas e usos linguísticos provenientes de intervenções *in vivo* e *in vitro*, como proposto por Calvet em contextos de política e planificação linguística. (CALVET, 1996, p. 49). Delimitamos a discussão aos traços identitários da cultura teuto-brasileira identificados na língua usada por imigrantes e descendentes de imigrantes alemães no sul do Brasil.

A ideia de cultura surge no século XVIII e passa por algumas transformações até os dias atuais. Ela se aplica, unicamente, ao que é humano, concebendo “a unidade do homem na diversidade de seus modos de vida e de crença [...], enfatizando a unidade ou a diversidade” (CUCHE, 2002, p. 13). Quando pensamos em identidade, a cultura enfatiza também a igualdade ou a diferença. No século XIX, com Franz Boas, a cultura recebe novas definições. (CUCHE, 2002, p. 39). Boas, inventor da etnografia, postula que o que difere os povos não é a raça, mas a cultura. Desvincula, assim, os traços físicos dos mentais, em um tempo em que se acreditava que a cor de uma pessoa determinava sua capacidade intelectual.

Para ele, “cada cultura representava uma totalidade singular e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia a sua unidade” (CUCHE, 2002, p. 45). Ela se exprime pela língua, pelos valores, pelas crenças, pela arte, influenciando o comportamento dos indivíduos e, assim, se relaciona com o jogo de construção identitária.

Desta forma, a cultura, fenômeno inconsciente, ou seja, que não leva em conta a consciência da identidade, se relaciona com a identidade cultural, fenômeno consciente, baseado em oposições simbólicas, que, por sua vez, manipula e modifica a cultura. Essa relação tem como uma de suas metas a construção de fronteiras sociais, separando grupos etno-culturais a partir do desejo de ser “diferente” dos que são considerados “outros” e de usar artifícios culturais como marcadores da identidade do grupo a que se deseja filiar.

Muito se tem discutido ultimamente sobre o tema *identidade* e o conceito de identidade tem sofrido profundas transformações decorrentes de sua inevitável articulação com o processo de globalização do mundo contemporâneo, que realça a importância das variáveis de raça, etnia, gênero, classe, opção sexual na formação da identidade (STEVENS, 2007, p. 44). Na breve revisão bibliográfica que propomos seguir, destacamos conceitos que merecem destaque na construção da identidade teuto-brasileira no sul do Brasil.

Castells (2000, p. 22), afirma ser a identidade “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(quais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” Neste contexto, o autor sugere os conceitos de *apropriação* (incorporação ou “legitimação” da identidade da ideologia dominante); *ab-rogação*, (resistência em relação à identidade da ideologia dominante e *múltiplas-agendas*, que pode ser uma combinação dos anteriores, mas que podem resultar na conformidade, que o autor denomina: “identidade de projeto”. Castells acredita que seja esse o processo de construção de identidade mais importante porquanto mais significativo: “Ele dá origem às formas de resistência coletiva diante de uma opressão que do contrário não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a ‘essencialização’ dos limites da resistência” (CASTELLS, 2000, p. 25).

Segundo Hall (2006), o conceito de identidade com o qual lidamos é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Considera que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma “fantasia”. Em seus estudos sobre a identidade no mundo moderno, o autor fala em deslocamento e descentralização, o que ele denomina de “crise de identidade”:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no

passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2006, p. 9).

Com relação à formação do sujeito pós-moderno, Hall (2006, p. 12), afirma que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Bauman (2005) fala da dificuldade e até da impossibilidade da construção de uma identidade definitiva: “As pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de “alcançar o impossível”. Realça o desconforto deste deslocamento do indivíduo com relação à sua própria identidade: “Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum [...], pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora [...] A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente”. (BAUMAN, 2005, p. 16-22).

Mattelart e Neveu (2004) apresentam sua definição de identidade com características bastante idênticas. Afirmando que não podemos mais conceber o indivíduo em termos de um ego completo e monolítico ou de um si autônomo. A experiência do si é mais fragmentada, marcada pela incompletude, composta de múltiplos si, de múltiplas identidades ligadas aos diferentes mundos sociais em que nos situamos. As vicissitudes do sujeito têm sua própria história, que remete aos episódios-chave da passagem aos novos tempos (HALL, 1988, p. 41 apud MATTELART e NEVEU, 2004, p. 104).

Também Cunha participa da discussão sobre a construção conflituosa da identidade quando diz que a identidade do migrante – assim como de qualquer indivíduo, lembra Frederico Menezes – é formada “em momentos de crise, quando se é forçado a escolher ou quando se tem a oportunidade de escolher... quando se começa a escolher o que não se é e o que não se quer ser” (CUNHA, 2007, p.178).

De acordo com KOBENA MERCER (1990, p. 43 apud HALL, 2006, p. 9), a identidade só se torna objeto de análises e discussões quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.

Na tentativa de definir o que é *identidade*, o escritor gaúcho Charles KIEFER (2002: 38), diz: “[...] um indivíduo é o próprio, é a essência mesma do que podemos chamar de identidade”.

Willems (1980, p. 4) define a identidade do indivíduo baseando-se nas palavras de William James (1931): “No sentido mais amplo possível [...] o eu de um homem é a soma total de tudo quanto ele pode considerar seu [...]”.

De forma idêntica, analisando a identidade étnica judaica, Brumer (1994), conceitua identidade individual e coletiva da seguinte forma:

A identidade de um indivíduo compreende, antes de mais nada, suas características próprias e exclusivas, tais como sua fisionomia, seu nome e sobrenome, suas características pessoais e sua história individual. Sua identidade compreende, ainda, o que este indivíduo é socialmente, quer dizer, a que grupo ou grupos ele pertence e com que pessoas ou grupos ele tem características comuns (BRUMER, 1994, p. 29).

Concordamos com a teoria de que a identidade do indivíduo é incompleta, está em constante construção, que está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”; é construída histórica e socialmente, mas também acreditamos que a identidade tem também origem do próprio berço.

Moita Lopes sob o enfoque das *identidades fragmentadas* afirma que as identidades sociais têm sido descritas como fragmentadas, portanto, complexas, no sentido de que não são homogêneas. [...] Elas estão sempre sendo construídas ou reconstruídas através dos esforços de construção de significado nos quais nos engajamos (MOITA LOPES, 2002, p. 138-139).

Os autores citados concordam que não se pode falar em identidade pura, pronta, acabada, mas de uma identidade em permanente construção. O que identificamos acontecer com os imigrantes teuto-brasileiros, que tem sua identidade construída a partir de duas pátrias - a sua *Heimat/Vaterland* e o Brasil; de duas culturas – a teuto e a brasileira; identidades em constante transformação, pelo uso linguístico e cultural das variedades nacionais, regionais e dialetais do alemão padrão, em contato com as variedades linguísticas e culturais do português brasileiro.

2. O conflito identitário dos imigrantes alemães

Baseando-se em Azevedo, Seyferth comenta a luta dos imigrantes alemães e de seus descendentes ao longo da história pela construção de uma identidade própria:

A longo prazo e como expressão de uma consciência coletiva inclinada a consolidar um modo global de vida, a luta pela identidade étnica própria em face da sociedade nacional vem a ter uma função determinante na preservação de todo o complexo “colonial” numa continuidade estrutural que perdura por um século [...] (AZEVEDO, 1982, p. 244-245 apud SEYFERTH, 1994, p. 11).

Segundo a autora (Ibidem), a afirmação se aplica aos imigrantes italianos, mas que ela considera válida para a questão da *identidade étnica teuto-brasileira*:

Como outras identidades de mesmo tipo, esta surgiu no âmbito do contato com a sociedade brasileira e, como expressão de consciência coletiva, só pode ser compreendida por referência a um processo histórico de colonização a partir do qual foi elaborada e que ajudou a preservar (SEYFERTH, 1994, p. 11).

Bauman (2005, p. 25) fala de uma “outra identidade”: “Afinal de contas, perguntar “quem é você” só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo”. Essa afirmação coincide com o termo *alter-ego* (outro eu) já utilizado pelos antigos romanos para referir-se justamente ao que Albó (2005, p. 48) define de *outridade*, ou seja, aquilo que ainda não somos, mas que ainda podemos ser, ou a *outra* parte da identidade que ainda poderá fazer parte constitutiva da nossa identidade. Segundo Bauman (2005), a definição desta característica da formação da identidade teve a seguinte origem:

A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia. [...] A identidade só poderia ingressar na *Lebenswelt* como uma tarefa – uma tarefa ainda não realizada, incompleta, um estímulo, um dever e um ímpeto à ação (BAUMAN, 2005, p. 27).

As palavras de Limberti (2009) vão na mesma direção quando diz que a construção da identidade é resultado de um processo de remessa de valores e pontos de vista e desencadeia-se em mão dupla:

A partir do contato intercultural, a identidade passa a possuir vários tipos de assimetrias: étnicas, sociais, políticas, que se hierarquizam segundo seu grau de legitimidade. Um processo de remessa de valores e pontos de vista desencadeia-se em mão dupla [...] (LIMBERTI, 2009, p. 43).

A mão dupla de que fala a autora, no caso dos imigrantes, seria a identidade trazida de sua terra de origem que, por sua vez, seria mesclada com a nova identidade do país que os acolheu.

Seyferth (1994) afirma que a construção de uma identidade étnica teuto-brasileira não foi feita, ao longo da história, com base do isolamento do grupo étnico, mas basicamente através de um processo histórico:

A emergência da identidade étnica nada tem a ver com uma situação de isolamento/enquistamento; ao contrário, ela é decorrência do contato e do próprio processo histórico de colonização, que produziram tanto uma cultura camponesa compartilhada com outros grupos imigrados, como uma cultura especificamente teuto-brasileira. A etnicidade teuto-brasileira tem sido reafirmada de diferentes formas ao longo deste século, sempre destacando um modo peculiar, diferente, de ser brasileiro (SEYFERTH, 1994, p. 13-14).

De certa forma há um paradoxo na manutenção da identidade étnica alemã e na construção da identidade teuto-brasileira, quando se verifica que a grande maioria dos descendentes dos imigrantes não conhece mais suas origens na Alemanha ou de outros países de onde vieram seus antepassados, o que recorrentemente nossos informantes repetiam quando questionados sobre a *Heimat* da Alemanha. *So fil wi ich wes, sen s' fun de Alt Kholonie kbom, fun Taittschland, do wes ich niks me* (O que eu sei, eles vieram da Colônia Velha, da Alemanha, aí eu não sei mais nada), era geralmente a resposta que se ouvia.

A autora (Ibidem), ao definir o termo *Heimat*, confirma este ponto de vista, dizendo:

Ao definir as “colônias alemãs” no Brasil como *Heimat* (um dos termos da língua alemã traduzíveis como pátria), os teuto-brasileiros estavam, ao mesmo tempo, resguardando seu significado étnico restrito e seu pertencimento ao Brasil. O termo *Heimat* deriva de *Heim* (lar) e, nesse sentido, traduz na comunidade étnica construída pelos imigrantes. [...] O conceito *Heimat* inclui os dois princípios que marcam a identidade teuto-brasileira: a origem étnica alemã, vinculada ao direito de sangue, e a nacionalidade/cidadania brasileira, com seu princípio territorial (SEYFERTH, 1994, p. 19).

É claro, com as modernas tecnologias à disposição da pesquisa, hoje em dia já é possível fazer um resgate da árvore genealógica das famílias.

Para isso contribuíram também, os numerosos encontros de família que nos últimos anos acontecem principalmente no sul do Brasil⁴.

A autora continua sua análise ao que ela denomina de *duplo pertencimento* e a este tipo étnico ela denomina de *Deutschbrasilianer*.

A expressão “criar raízes”, no contexto pioneiro, remete à questão da cidadania brasileira, reivindicada através do ato de naturalização. Mas a cidadania, por si mesma, não anula o ideal do pertencimento ao povo alemão – lembrando sempre que o termo Volk é traduzível como “etnia”. A categoria *Deutschbrasilianer* aparece na segunda metade do século passado para definir o duplo pertencimento – à etnia alemã e ao Estado brasileiro na qualidade de cidadão (SEYFERTH, 1994, p. 15).

O termo *Deutschbrasilianer* seria traduzível por “brasileiro alemão”, e não por “teuto-brasileiro”, uma vez que as palavras compostas em alemão são traduzidas de trás para frente. O termo *Deutschbrasilianer* significa “um brasileiro com características de alemão”, enquanto teuto-brasileiro é o contrário, “um alemão com características de brasileiro”. A criação do termo *teuto-brasileiro* se deu por existir o adjetivo gentílico mais tradicional *teuto* (alemão) e que com o adjetivo *brasileiro* formou o composto, que linguisticamente parece mais harmonioso do que o correto brasileiro alemão. Em outra passagem, a autora (Ibidem, p. 20) usa o termo, bastante comum ainda hoje, *Auslanddeutsche*, traduzível como *alemães no estrangeiro*.

A construção da identidade teuto-brasileira está baseada, segundo a autora (Ibidem), justamente, na manutenção dos costumes e tradições trazidas pelos imigrantes e no caso em análise, também na conservação da música popular alemã:

A formulação ideológica de uma comunidade étnica teuto-brasileira partiu, pois, da própria visibilidade das diferenças sociais e culturais em relação à sociedade

⁴ Notas/avisos destes encontros de família são encontrados em número expressivo no *Jornal da Terceira Idade* (Cândido Godoi – RS), *Sankt Paulusblatt* (Nova Petrópolis) e outros meios de imprensa, geralmente, ao menos em parte, em língua alemã.

brasileira mais ampla; diferenças associadas à colonização e à conservação de costumes e tradições trazidas da Alemanha (SEYFERTH, 1994, p. 15).

As afirmações de Bauman provam o quanto a identidade de cada pessoa está, segundo Meliá (2006, p. 7), em *constante movimento* ou em constante construção e reconstrução:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

A autora Seyferth vê na formulação do termo *Deutschbrasilianertum* o pluralismo étnico-cultural, aspecto que, justamente, sempre defendemos em nossos trabalhos:

De qualquer modo, *Deutschbrasilianertum*, como ideologia étnica, traz consigo uma inequívoca proposta de pluralismo étnico-cultural – cada grupo de imigrantes com direito de manter seus costumes, sua cultura e língua, e todos igualmente cidadãos brasileiros (SEYFERTH, 1994, p. 18).

As autoras Mauch e Vasconcelos, com relação à identidade étnica, lançam questionamentos de como os imigrantes teutos e seus descendentes se viam a si mesmos e como eram vistos pelos componentes de outros grupos:

[...] Afinal, como os imigrantes teutos e seus descendentes viam a si mesmos e como eram vistos por outros grupos étnicos? As reivindicações de cidadania brasileira para os

teutos excluíaam ou não o ideal de pertencimento ao povo alemão? Por outro lado, até que ponto a identidade étnica pode explicar comportamentos e posicionamentos político-ideológicos? (MAUCH;VASCONCELLOS, 1994, p. 5).

Concordamos plenamente com as autoras no que se refere à construção cultural da identidade e sua estreita relação com a língua e com o contexto sociocultural. O pertencimento a uma etnia não é condição *sine qua non* de identidade étnica, como afirmam as autoras, também não se pode ignorar que este pertencimento traz profundas implicações em toda formação sociocultural e linguística da pessoa desde o berço e que tem profundas influências na construção da própria identidade. Em outras palavras, não é *somente* a origem étnica que é responsável pelo perfil da identidade, mas, por outro lado, também, é necessário reconhecer que este pertencimento étnico muitas vezes é fundamental, quando não decisivo, na construção da identidade geral de uma pessoa.

No caso dos imigrantes, a luta pela conservação da sua identidade e de seus valores culturais é válida, ponto de vista que sempre defendemos, no entanto, não ao ponto de permanecer autêntica, sem qualquer forma de interferência, pois, não se pode esquecer que estes são justamente imigrantes e fazem parte, a partir da chegada à nova pátria, de um novo contexto social, cultural e político.

No caso dos descendentes de imigrantes alemães em foco, também não existem fronteira físicas com a antiga pátria (*Ubrheimat*), mesmo assim a língua e cultura de origem têm influências profundas na construção da identidade étnica destas pessoas.

Apesar de concordarmos com a ideia de todas as culturas serem de fronteira, não se pode esquecer nunca, que o indivíduo que faz parte de uma minoria está dentro de um contexto maior ao qual pertence. Isto fica claro para o nosso contexto nas palavras de Schneider apud DAMKE (1997, p. 277), quando ele diz: “somos brasileiros”, este é o contexto maior, “descendentes de imigrantes alemães”, esta é a minoria. O reconhecimento da diversidade linguística e cultural é um dos pressupostos da sociolinguística e é, justamente, nele que fundamentamos as nossas análises.

Seyferth traz o desabafo de um colono de Brusque com relação à questão étnica de ser teuto-brasileiros:

Eu não entendo muito de política. Só sei que um bom cidadão contribui para a grandeza de sua pátria, e minha pátria é o Brasil. Só que na nacionalização não tinha mais direitos, só deveres. Não entendi bem essa história de nacionalização. Nacionalizar o quê? Os teuto-brasileiros nunca negaram sua cidadania, nunca negaram que também são brasileiros. Não sei em que alguém pode prejudicar o Brasil só porque fala alemão e tem orgulho de sua origem. Afinal, tenho muito orgulho de ser de origem alemã (SEYFERTH, 1981, p. 190-191, apud RAMBO, A. B., 1994, p. 52).

Seyferth ressalta que a identidade teuto-brasileira está sendo constantemente construída, mesmo com a concorrência de outras etnicidades:

As outras identidades possíveis não anulam o postulado de pertencimento étnico – a etnicidade teuto-brasileira tem sido permanentemente realimentada num processo cultural de manutenção de limites, em que há lugar para descendentes de alemães católicos e luteranos, citadinos e camponeses, empresários e operários -, unidos por um passado pioneiro comum que, simbolicamente, representa a unidade étnica (SEYFERTH, 1994, p. 25).

Weber (1994, p. 106) falando dos *Deutschbrasilianer*, diz: “Essa categoria de identificação étnica destacava, por um lado, o pertencimento étnico/nacional (Deutsch) e, por outro, o pertencimento ao Estado brasileiro através incorporação da cidadania (Brasilianer)”.

Rambo continua, dizendo que essa visão aparece inequívoca nos versos de autoria de Ernst Moritz Arndt:

Qual é a pátria dos alemães?
 É a Prússia? É a Baviera?
 É o local onde se agita a areia das dunas?
 É lá onde o Danúbio corre bramindo?
 Oh não, não, não!
 Sua pátria tem que ser mais vasta!
 Qual é então a pátria dos alemães?
 Mostra-me finalmente esta terra!
 Por onde quer que se escute a língua alemã
 E nela se cantam os hinos a Deus no céu,
 É lá que se encontra.
 A ela, alemão migrante, chama-a como a tua!

(ERNST MORITZ ARNDT apud RAMBO, A. B., 1994, p. 44-45).

Segundo Sanseverino, os personagens do romance *Videiras de cristal* do autor Luiz Antônio de Assis Brasil sobre a revolta dos *Mucker* no Rio Grande do Sul, cuja líder era Jacobina Maurer, mantinham uma imagem mítica da Alemanha e acreditavam poder revive-lo no Brasil. Isso se comprova nas palavras do personagem Mathias Münsch que são o final do romance:

Da figura do imigrante alemão: Qual sua identidade?

Quando descendo (Mathias Münsch) do vapor que o trouxe de Porto Alegre, viu São Leopoldo e sua igreja supostamente gótica, quando enxergou a gente loira e ouviu a confusão de dialetos alemães falados no cais, e quando os seus oito colegas o receberam com saudações do Bayern, do Rheinland-Pfalz e do *Hunsrück*, entendeu que a longa viagem pelo oceano fora apenas um intervalo de sonho, pois acordava em plena Germânia (SANSEVERINO, 1994, p. 34).

Segundo Arthur Blasio Rambo, citando Balduino Rambo, para os teuto-brasileiros, mais do que qualquer outro elemento identificador, cabe à língua desempenhar esta função:

A expressão por excelência do sangue e do espírito comuns é a língua. O *Volkstum* expressa-se obviamente através de outras formas concretas: sua música, sua pintura, sua escultura, suas festas, seus trajes, seus costumes e usos. Mas o sinal identificador essencial vem a ser a língua. Ela torna possível todas as demais manifestações e até certo ponto as engloba. E para nós teuto-brasileiros a língua materna ocupa o lugar mais importante. Por essa razão justifica-se que ela seja tratada aqui como fator à parte (Balduino RAMBO, 1936:119 apud Arthur Blasio RAMBO, 1994, p. 45).

Como já dissemos, consideramos a língua, assim como a cultura, parte integrante do processo da construção da identidade teuto-brasileira.

Reforçando esta ideia, ainda citamos Aguilera (2008) sobre a relação entre prática(s) linguística(s), em termos de uso de língua(s), e construção/(des)construção de identidade(s).

A atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro. A identidade pode ser definida sob duas formas: (i) objetiva, ou seja, caracterizando-a pelas instituições (educacionais, artísticas, políticas, culturais, sociais, religiosas) que a compõem e pelas pautas culturais (usos, costumes, tradições) que lhe dão personalidade; ou (ii) subjetiva, antepondo o sentimento de comunidade partilhado por todos os seus membros e a ideia de diferenciação com respeito aos demais (Moreno Fernández: 1998, p. 180). Na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente. (AGUILERA, 2008, p. 105)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ilustrar os tópicos aqui abordados, selecionamos o texto de uma música popular do conjunto *3 Xirus* que tem como título *Alemão Batata*

Alemão Batata

Quando o imigrante alemão surgiu no pampa,
Derrubou mato, fez lavoura, abriu picada,
Com seus costumes e a vontade de vencer,
Buscou espaço no meio da gauchada [...].

Isso só pode ser um alemão batata,
Vem de trator botar dinheiro no banco,
Chapéu tateado, de bombachas e alpargatas,
Sua estância é a própria imagem do Rio Grande,
Nem parece ser um alemão batata!

Hoje o imigrante alemão é gente nossa,
Enraizado se fez pátria nesse chão,
Semeou riquezas que agigantam nossos pagos,
Como justiça tem a nossa gratidão,
Se hoje alguém falar alemão batata,
É só um gesto carinhoso e gentil [...]

Com certeza é um alemão batata,
É deputado, é patrão de CTG,
Nem parece ser um alemão batata,
Gosta de Kerpe, de churrasco e chimarrão,
Com certeza é um alemão batata,
É fazendeiro, dorme em cima das pataca,
Nem parece ser um alemão batata,
É cobiçado pelas mais lindas mulata,
Com certeza é um alemão batata!

(NEHER, 3 *Xirus*. *Alemão batata*. Caxias do Sul: ACIT, 1992)

O texto da música mostra bem o conflito identitário, permeado por um dualismo cultural e temporal nestes quase 200 anos de imigração alemã no Brasil. Sugere que o processo de construção de identidade é um processo dinâmico que se modifica ao longo da vida dos sujeitos envolvidos em determinadas situações de contato linguístico-cultural, através da imposição/assimilação de influências históricas, políticas e sociais. O contexto inicial de contato, estabelecido pela imigração alemã para o Brasil no final do século XIX modifica-se através do tempo pelos diferentes usos que os sujeitos fazem das línguas/culturas em diferentes situações de comunicação; pelo uso de variedades linguísticas nacionais, regionais e dialetais das línguas e culturas alemã e portuguesa, em diferentes ambientes comunicativos (família, sociedade, escola e ambiente profissional). Assim é construída e reconstruída a identidade teuto-brasileira no sul do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos linguísticos*. São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio-ago. 2008. Disponível em http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf.

ALBÓ, Xavier. *Cultura, interculturalidade, inculturação: formação sociopolítica e cultural*. Trad. Yvonne Mantoanelli. São Paulo: Loyola, 2005.

ASSOCIAÇÃO THEODOR AMSTAD. *Sanket Paulusblatt*. Nova Petrópolis – RS: Editora Amstad, n° 208, maio 2009.

AZEVEDO, Thales de. *Italianos e gaúchos*. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. 2. ed. Rio de Janeiro/Brasília: Cátedra,/INL, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRUMER, Anita. *Identidade em mudança: pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.

CALVET, Louis-Jean. *Les politiques linguistiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

CAZDEN, Courtney. *Taking Cultural Differences into Account*. In: COPE, Bill & KALANTZIS, Mary. *Multiliteracies: Literacy learning and design of social features*. London: Routledge, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus Editora, 2001.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru – São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1996.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. *Língua e Identidades em Vidas Migrantes*. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti et al. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.

DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.

_____. *A (re)construção da identidade dos imigrantes alemães*. In: Anais do XX Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários. Londrina-PR: UEL, 2011.

HALL, Stuart. *New ethnicities*. In: *Black Film/British Cinema*. Londres: ICA Documents 7, 1988.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOHMANN, B. *Sprachplanung und Spracherhalt innerhalb einer pommerischen Sprachgemeinschaft: Eine soziolinguistische Studie in Espírito Santo*. Tese de Doutorado apresentada na TU- Berlin, setembro 2010.

HOHMANN, B., SAVEDRA, M. M. G. *Spracherhalt und -revitalisierung*

des Pommerischen in Espírito Santo. 7 Congresso Brasileiro de Professores de Alemão: *Fertigkeiten und Kompetenzen*, 2008, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 22.

HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau: Ed. Da FURB, 1993.

JAMES, William. *The Principles of Psychology*. v. 1. New York: s. e., 1931.

KIEFER, Charles. *A última trincheira: arte, cultura e identidade nacional*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. *Discurso Indígena: aculturação e polifonia*. Dourados – MS: Editora da UFGD, 2009.

MATTELART, Arman e NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. Prefácio Paulo Freire; apresentação Moacir Gadotti, tradução Bebel Orofino Schäfer. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MELIÁ, Bartolomeu. *Identidad en movimiento: substituciones y transformaciones*. In: BRANDL, Carmen Elisa Henn; DUARTE, Geni Rosa; FROTSCHER, Méri (Orgs.). Anais do Simpósio Nacional em Ciências Humanas: Universidade e sociedade. Cascavel: Scussiatto, 2006.

MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (Org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

MOITA LOPES Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

NEHER, Bruno (3 Xirus). *Alemão batata*. Caxias do Sul: ACIT, 1992.

RAMBO, Arthur Blasio. *Nacionalidade e cidadania*. In: MAUCH, Cláudia

e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994.

RAMBO, Balduino. Volkstum und Volksgemeinschaft. In: METZLER, Franz (Org.). *Volkstum und Volksgemeinschaft; Was ist Volkstum, - Was ist Volksgemeinschaft*. Porto Alegre: Tip. Do Centro, 1936.

SANSEVERINO, Antônio Marcos V. *Videiras de cristal: Jacobina Maurer – A identidade do imigrante*. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. *Línguas majoritárias e minoritárias no Mercosul: a questão de línguas oficiais, línguas de trabalho e línguas de ensino*. Política Linguística na América Latina. João Pessoa: Idéia Editora, 2008. p. 115-126.

_____. *Bilinguismo e Bilingualidade: uma nova proposta conceitual. Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. Rio de Janeiro: 7 Letras, v.1, p. 121-140, 2009.

_____. *A língua alemã no Brasil: uma língua de/em contato*. In: Von Borstel, Clarice Nadir e COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.) *Linguagem, cultura e ensino*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011. p. 13-22

SCHERER, Márcio. *Jornal da Terceira Idade*. Cândido Godoi – RS: ITS Gráfica e Editora, 2011.

SCHNEIDER, Adolfo B. *Der deutsche Einwanderer*. In: Globus, n. 3, p. 10, 1984.

SEYFERTH, Giralda. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. *Imagi-Nações. Literatura e Identidades Migrantes*. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti et al. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.

VON BORSTEL, Clarice. *A linguagem sociocultural do Brasildentsch*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

WEBER, Regina. *Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí*. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994.

WILLEMS, Emílio. *A culturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed., il., ver. e ampl. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.